

## Eixo Temático 5: Cultura Nacional

Dando continuidade ao nosso papo sobre cultura e comportamento das semanas anteriores, a partir de hoje vamos falar sobre um assunto muito importante: a cultura nacional. Separamos uma coletânea de textos, então, para nortear e ilustrar os ricos debates que permeiam esse tema. Dá uma olhada:

### TEXTO I



Disponível em:

[http://api.ning.com/files/HjE4DOnOhz0jIFLgUzVeg\\*2T481MEQ\\*Cm3fJiRoslztCLGfLxt2yh\\*o2JESZQGHKMNzNTyA58P-D18\\*AtGmTF3hLNVuddSFP/DiversidadeBrasileira1.jpg](http://api.ning.com/files/HjE4DOnOhz0jIFLgUzVeg*2T481MEQ*Cm3fJiRoslztCLGfLxt2yh*o2JESZQGHKMNzNTyA58P-D18*AtGmTF3hLNVuddSFP/DiversidadeBrasileira1.jpg)

### TEXTO II

#### CULTURA BRASILEIRA: DA DIVERSIDADE À DESIGUALDADE

Mesmo admitindo a existência de diversos estudos e discussões antropológicas sobre o conceito de cultura, podemos considerá-la, *grosso modo*, da seguinte forma: a cultura diz respeito a um conjunto de hábitos, comportamentos, valores morais, crenças e símbolos, dentre outros aspectos mais gerais, como forma de organização social, política e econômica que caracterizam uma sociedade. Além disso, os processos históricos são em grande parte responsáveis pelas diferenças culturais, embora não sejam os únicos fatores a se considerar. Isso nos permite afirmar que não existem culturas superiores ou inferiores, mas sim diferentes, com processos históricos

também diversos, os quais proporcionaram organizações sociais com determinadas peculiaridades. Dessa forma, podemos pensar na seguinte questão: o que caracteriza a cultura brasileira? Certamente, ela possui suas particularidades quando comparada ao restante do mundo, principalmente quando nos debruçamos sobre um passado marcado pela miscigenação racial entre índios, europeus e africanos.

A cultura brasileira em sua essência seria composta por uma diversidade cultural, fruto dessa aproximação que se desenvolveu desde os tempos de colonização, a qual, como sabemos, não foi, necessariamente, um processo amistoso entre colonizadores e colonizados, entre brancos e índios, entre brancos e negros. Se é verdade que portugueses, indígenas e africanos estiveram em permanente contato, também é fato que essa aproximação foi marcada pela exploração e pela violência impostas a índios e negros pelos europeus colonizadores, os quais a seu modo tentavam impor seus valores, sua religião e seus interesses. Porém, ao retomarmos a ideia de cultura, adotada no início do texto, podemos afirmar que, apesar desse contato hostil num primeiro momento entre as etnias, o processo de mestiçagem contribuiu para a diversidade da cultura brasileira no que diz respeito aos costumes, práticas, valores, entre outros aspectos que poderiam compor o que alguns autores chamam de caráter nacional.

A culinária africana misturou-se à indígena e à europeia; os valores do catolicismo europeu fundiram-se às religiões e aos símbolos africanos, configurando o chamado sincretismo religioso; as linguagens e vocabulários afros e indígenas somaram-se ao idioma oficial da coroa portuguesa, ampliando as formas possíveis para denominarmos as coisas do dia a dia; o gosto pela dança, assim como um forte erotismo e apelo sexual juntaram-se ao pudor de um conservadorismo europeu. Assim, do vatapá ao chimarrão, do frevo à moda de viola caipira, da forte religiosidade ao carnaval e ao samba, tudo isso, a seu modo, compõe aquilo que conhecemos como cultura brasileira. Ela seria resultado de um Brasil-cadinho (aqui se fazendo referência àquele recipiente, geralmente de porcelana, utilizado em laboratório para fundir substâncias) no qual as características das três “raças” teriam se fundido e criado algo novo: o brasileiro. Além disso, do ponto de vista moral e comportamental, acredita-se que o brasileiro consiga reunir, ao mesmo tempo, características contraditórias: se por um lado haveria um tipo de homem simples acostumado a lutar por sua sobrevivência contra as hostilidades da vida (como a pobreza), valorizando o mérito das conquistas pessoais pelo trabalho duro, por outro lado este mesmo homem seria conhecido pelo seu “jeitinho brasileiro”, o qual encurta distâncias, aproxima diferenças, reúne o público e o privado.

Ainda hoje há quem possa acreditar que nossa mistura étnica tenha promovido uma democracia racial ao longo dos séculos, com maior liberdade, respeito e harmonia entre as pessoas de origens, etnias e cores diferentes. Contudo, essa visão pode esconder algumas armadilhas. Nas ciências sociais brasileiras não são poucos os autores que já apontaram a questão da falsidade dessa democracia racial, apontando para a existência de um racismo velado, implícito, muitas vezes, nas relações sociais. Dessa forma, o discurso da diversidade (em todos os seus aspectos, como em relação à cultura), do convívio harmônico e da tolerância entre brancos e negros, pobres e ricos, acaba por encobrir ou sufocar a realidade da desigualdade, tanto do ponto de vista racial como de classe social. Ainda hoje, mesmo com leis claras contra atos racistas, é possível afirmarmos a existência do preconceito de raça na sociedade brasileira, no transporte coletivo, na escola, até no ambiente de trabalho. Isso não significa que vivamos numa sociedade racista e preconceituosa em sua essência, mas sim que esta carrega ainda muito de um juízo de valor dos tempos do Brasil colonial, de forte preconceito e discriminação. Além disso, se a diversidade cultural não apagou os preconceitos raciais, também não diminuiu outro ainda muito presente, dado pela situação econômica-social do indivíduo.

É preciso considerar que a escravidão trouxe consequências gravíssimas de ordem econômica para a formação da sociedade brasileira, uma vez que os negros (pobres e marginalizados em sua maioria) até hoje não possuem as mesmas oportunidades, criando-se uma enorme distância entre as estratificações sociais. Como sugere o antropólogo Darcy Ribeiro, mais do que preconceitos de raça ou de cor, têm os brasileiros um forte preconceito de classe social.

Dessa forma, o Brasil da diversidade é, ao mesmo tempo, o país da desigualdade. Por isso tudo é importante que, ao iniciarmos uma leitura sobre a cultura brasileira, possamos ter um senso crítico mais aguçado, tentando compreender o processo histórico da formação social do Brasil e seus desdobramentos no presente para além das versões oficiais da história.

Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/cultura-brasileira-diversidade-desigualdade.htm>

### TEXTO III

Em sua acepção original, “antropofagia” designa as práticas sacrificiais comuns em algumas sociedades tribais – algumas sociedades indígenas do Brasil, por exemplo -, que consistiam na ingestão da carne dos inimigos aprisionados em combate, com o objetivo de apoderar-se de sua força e de suas energias. A expressão foi utilizada metaforicamente por uma das correntes do modernismo brasileiro, querendo significar uma atitude estético-cultural de “devoração” e assimilação crítica dos valores culturais estrangeiros transplantados para o Brasil, bem como realçar elementos e valores culturais internos que foram reprimidos pelo processo de colonização.

O Manifesto Antropófago foi publicado em São Paulo pelo modernista Oswald de Andrade, em maio de 1928, no primeiro número da “Revista de Antropofagia”. A antropofagia oswaldiana deve ser vista como uma estratégia criativa, cujo intuito era questionar as bases político-econômico-culturais impostas pelo colonizador em nosso meio artístico e intelectual. A reivindicação antropofágica podia ser vista como a metáfora do que deveria ser repudiado, assimilado e superado em favor da independência cultural do País. Dialogando com as vanguardas européias (os “ismos”) e os inúmeros manifestos da época, Oswald vai assumir uma postura radicalmente crítica frente à cultura brasileira. Lança mão da paródia, da blague, do riso, da anarquia para realizar a “canibalização” cultural das nossas fontes primitivas reprimidas (“Tupy or not tupy, that is the question”) e das experiências e informações estrangeiras. A intenção oswaldiana é clara: deglutir a informação que vem de fora e devolver um produto novo e acabado, original, inovador e brasileiro. Nada de “macumba para turista”, como Oswald se referia aos produtos culturais que nada mais eram do que a matéria-prima bruta exportada pelo Brasil. E é com esse mesmo espírito de “canibalismo” cultural e autonomia criativa, deglutindo informações tão díspares como a música pop e o samba, que o tropicalismo vai produzir as suas canções e marcar, de forma original, a sua presença no cenário cultural brasileiro.

<http://tropicalia.com.br/ruidos-pulsativos/geleia-geral/antropofagia#sthash.ak1UyqoF.dpuf>

**TEXTO IV**

Chiclete com Banana

Gilberto Gil

Composição: Almira Castilho/ Gordurinha

Só ponho bebop no meu samba  
Quando o tio Sam pegar no tamborim  
Quando ele pegar no pandeiro e no zabumba  
Quando ele entender que o samba não é rumba  
Aí eu vou misturar Miami com Copacabana  
Chicletes eu misturo com banana  
E o meu samba vai ficar assim

Bebop, Bebop, Bebop  
Bebop, Bebop, Bebop  
Bebop, Bebop, Bebop  
Quero ver a grande confusão  
Bebop, Bebop, Bebop,  
Bebop, Bebop, Bebop,  
Bebop, Bebop, Bebop,  
É o samba-rock, meu irmão

Mas em compensação  
Quero ver o boogie-woogie de pandeiro e violão  
Quero ver o tio Sam de frigideira  
Numa batucada brasileira  
Quero ver o tio Sam de frigideira  
Numa batucada brasileira

Disponível em: <http://letras.mus.br/gilberto-gil/478675/>

Para saber mais sobre a antropofagia e sobre a poesia pau-brasil:  
<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>